

## PROJETO K: UM PROCESSO COLABORATIVO NA ESCOLA

NICOLE PIRES GONZALES<sup>1</sup>; BARBARA CRUZ NUNES<sup>2</sup>; MARINA DE OLIVEIRA<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – nicolegonzales930@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – cruznunesbarbara@gmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – marinadolufpel@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a experiência obtida a partir da produção da dramaturgia denominada: “Projeto K: uma festa fora de controle”, realizada através de um projeto de extensão. Direcionado pelas professoras em formação Barbara Cruz Nunes, Luiza Louzada dos Reis e Nicole Pires Gonzales, graduandas do curso de Teatro-Licenciatura, a ação foi possível devido à parceria do Colégio Municipal Pelotense com a UFPel, mais especificamente com o projeto de pesquisa e extensão LADRA - Laboratório de Dramaturgia, coordenado pela prof. Marina de Oliveira, que compõe o corpo docente do curso de Teatro-Licenciatura. Como parceiro e mediador da extensão, conta-se com a presença do professor da escola pública Joaquim Lucas Dias dos Santos.

O espetáculo desenvolvido no ano de dois mil e vinte e dois (2022), através de processo colaborativo, contou com a participação de quinze alunos do ensino regular da escola Pelotense, do turno da manhã, contemplando os nonos anos do ensino fundamental até os terceiros anos do ensino médio. Estima-se uma faixa etária de 13 a 18 anos entre os participantes do trabalho. Vale ressaltar que o início da trajetória se deu através de oficinas de jogos teatrais e que só posteriormente ao preparo foi possível iniciar o trabalho de encenação de fato.

Sendo assim, o foco da escrita se dá no processo colaborativo durante a elaboração do espetáculo, e de que maneira foi possível alcançar os resultados obtidos no fim do ano no qual a encenação foi apresentada. Como referência para os ensaios, foram utilizados os apontamentos de Stela Fischer (2010), e suas contribuições sobre o processo colaborativo a partir do estudo de campo analisando companhias teatrais consolidadas no Brasil. Além disso, carregamos como base para as oficinas o livro de Viola Spolin (2008) denominado *Jogos Teatrais*: o fichário de Viola Spolin e a leitura desses jogos para a realidade brasileira, proposta por Ingrid Koudela (2001), ambos usados como suporte para a seleção dos jogos passados para os alunos.

### 2. METODOLOGIA

Os encontros aconteceram no Colégio Municipal Pelotense, semanalmente em um primeiro momento, das 15h às 17h, nas sextas-feiras. Porém, conforme o dia da apresentação foi se aproximando, optamos por mais ensaios durante a semana.

Compreendendo que para alcançarmos os nossos objetivos era necessário um preparo anterior, os jogos teatrais organizados por Viola Spolin foram a base para que fosse possível criar a consciência corporal, e noções básicas da estrutura cênica para os alunos. De modo que, quando se iniciou o processo de

construção colaborativa, os estudantes já estavam mais preparados e presentes na obra, possibilitando a participação e colaboração mais efetiva no decorrer da peça. É importante frisar que atores que não têm o mínimo do saber teatral, como: comportamento em cena, estrutura dramática, potência vocal, construção de personagem, ou até mesmo que não exercitam a sua imaginação e a sua criatividade, carregam uma maior dificuldade em um desenvolvimento grupal como o processo colaborativo.

A escolha do tema da dramaturgia foi decidida conjuntamente, pois era de interesse das professoras/diretoras que todos os atores estivessem envolvidos inteiramente na temática. O objetivo foi o aproveitamento máximo da experiência de uma forma positiva para aqueles discentes que se encontravam diante da oportunidade de subir ao palco para apresentar uma composição na frente de um público. Inicialmente, a proposta partiu do que seria a vontade comum para o grupo e pensamos em buscar peças teatrais prontas para trabalhar, entretanto, conforme a ideia surgiu e foi tomando corpo, engajando com animação os partícipes, optou-se por criar colaborativamente a dramaturgia que seria apresentada.

O segundo passo foi a criação dos personagens. As professoras Barbara Nunes, Luiza Louzada e Nicole Gonzales trabalharam com quatro exercícios que estimulam a criação das figuras ficcionais. O primeiro foi um exercício simples de caminhada pelo espaço, onde o estímulo era caminhar normalmente, pois cada pessoa tem a sua própria maneira de caminhar. Após, as docentes deram o comando de cada um observar a caminhada de um dos colegas e posteriormente tentar reproduzi-la, e assim foram explorando várias formas distintas de caminhadas onde cada um escolheu um andar possível para o seu personagem.

Outro exercício proposto foi o preenchimento de uma ficha de personagem, que continha perguntas como: “Nome do personagem, idade, classe social, características físicas, hobbies e personalidade”. Logo após os alunos terem realizado a tarefa, as professoras propuseram uma entrevista com esses personagens, fazendo perguntas sobre os aspectos escolhidos para essas criações e outras improvisadas a partir do que surgia na conversa. Neste momento a grande maioria dos alunos já havia criado um desenho possível para os seus personagens. Os demais que ainda não tivessem escolhido permanecer com o primeiro esboço poderiam em casa refazer a ficha pensando em personalidades famosas que eles conheciam, para que em um próximo encontro as diretoras pudessem realizar uma nova entrevista. Ao fim deste exercício ficaram estabelecidos os seguintes personagens: Uma digital influencer, dois policiais sendo uma tranquila e outro incisivo, dois roqueiros valentões, irmãs gêmeas “patricinhas”, um nerd, uma organizadora de eventos, uma fotógrafa, um hippie, uma cartomante, uma florista, uma gótica e uma crente.

O quarto e último exercício foi uma cena de improviso em um clube, onde foi estabelecido no espaço cênico cada parte do ambiente e os alunos interpretando seus personagens haviam de improvisar com os demais colegas de palco. O objetivo do exercício era entrar em cena, fazer uma ação e interagir com outros partícipes: criar uma situação, resolvê-la e sair de cena. Com essa proposta de jogo as diretoras intencionaram que os atores desenvolvessem a capacidade de interação entre os personagens, facilitando a consciência do jogo cênico no dia do espetáculo.

Após a definição dos personagens e suas histórias, processo esse que se desenvolveu ao longo da oficina, foi possível fazer as conexões desses tipos e colocar na cena para a prática em si. Abordou-se um princípio que Stela Fischer

descreve em que o ator é entendido como “co-autor” da dramaturgia, fazendo com que fosse instaurada uma atmosfera de horizontalidade com relação à hierarquia, compreendendo-se que todos estavam no mesmo patamar no processo de criação da nossa dramaturgia. Neste caso, o desenvolvimento se deu da seguinte maneira: lança-se uma provocação, uma cena, uma situação, e os atores são convidados a entrar no ambiente cênico e improvisar; não esquecendo das orientações dadas de antemão, é preciso que, mesmo em ação livre no ato de improvisação, atente-se ao que foi proposto para que tenham um caminho para trilhar na composição. E só avaliando, analisando e fazendo cortes quando necessário nessas improvisações, é que se pode começar a desenhar uma dramaturgia.

Aqueles atores que estavam dispostos e confiantes para falar em cena, foram convidados a improvisar e logo após, escrever a sua produção para que em seguida viesse o trabalho de lapidação e estruturação desse texto. Ao todo criamos sete núcleos de cena, sendo eles: a entrada e apresentação desses personagens, quatro interrogatórios, uma investigação e o destaque no fim para a conclusão do mistério.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No dia 29 de novembro de 2022, foi apresentada a produção cênica para cerca de noventa alunos do Colégio Pelotense do turno da manhã, referente ao ensino médio, em duas sessões. Priorizou-se que as turmas dos partícipes da ação assistissem ao trabalho. Pensando na condição física dos alunos/atores, que estão iniciando a jornada no teatro, deduziu-se que seria desgastante mais de duas apresentações em um único dia.

A dramaturgia produzida girou em torno da vontade dos alunos de explorar a temática da investigação criminal. Ficou decidido então que a trama seria: uma influencer resolve dar uma festa para comemorar o seu aniversário, durante a confraternização a própria aniversariante é assassinada. O culpado é um mistério, sendo assim, dois policiais são acionados e passam a investigar o crime.

A estrutura da cena foi pensada a partir das possibilidades dentro da escola em que o trabalho se desenvolveu. Os alunos estavam o tempo todo em cena e atuando, processo difícil para atores de primeiro momento; a ferramenta do coro entrou em diversos momentos na lapidação do espetáculo para dar destaques às cenas da delegacia, já que o palco não comportava a quantidade de alunos, logo, optou-se por fazer um espaço à parte do ambiente cênico que era a festa.

Após a apresentação, observou-se um significativo aumento na procura pelo projeto extracurricular por outros alunos, o que reflete a valorização e interesse do que foi apresentado para essa plateia. Entende-se que houve uma repercussão positiva dentro do ambiente escolar a ponto de atrair a atenção de novos discentes para o Teatro dos Gatos Pelados, nome do grupo de teatro na escola.



Fig. 1 e 2 - fotos tiradas no dia da apresentação na escola.

#### 4. CONCLUSÕES

Ao fim do processo foi possível concluir que o teatro merece um espaço dentro da escola, tendo em vista que os alunos envolvidos na ação apresentaram significativa mudança, não somente na área artística, mas sim em outras disciplinas, conforme relatado por professores do Colégio Pelotense que acompanhavam de antemão esses estudantes.

Destaca-se que o projeto atualmente conta com a participação de vinte e quatro alunos, respeitando a faixa etária dita anteriormente, e uma lista de espera que felizmente cresce dia após dia. Com uma demanda impressionante de novos discentes interessados em juntar-se à ação, a intenção é continuar a disseminação da arte teatral dentro do ambiente escolar, almejando perpetuar a prática dentro da instituição, entendendo que o domínio da técnica não precisa ser usado necessariamente para a realização do ato teatral em si, mas que colabora com a melhora da comunicação, criatividade, atenção, pensamento crítico, sociabilidade, com o conhecimento pessoal, indo além da questão corporal e artística.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FISCHER, Stela. **Processo colaborativo e experiências de companhias teatrais**. São Paulo: Hucitec, 2010.

KOUDELA, Ingrid. **Jogos teatrais**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais: o fichário Viola Spolin**. Tradução Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2008.